



COMENTÁRIOS DO GESTOR

+ ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Economia Norte-Americana

O tema da tecnologia domina os mercados atualmente e eleva os valuations das companhias expostas a essa evolução. A Nvidia atingiu a histórica capitalização de mercado de US\$ 5 trilhões recentemente. Há pouco tempo, Apple e Microsoft também ultrapassaram o valor de mercado de US\$ 4 trilhões. O grupo das “sete magníficas”, composto por Nvidia, Apple, Microsoft, Alphabet, Amazon, Meta e Tesla, soma atualmente um valor de mercado próximo de US\$ 22 trilhões. Isso equivale à soma do Produto Interno Bruto (PIB) da Zona do Euro, do Japão e do Reino Unido.

Nesse cenário, os Estados Unidos estão na vanguarda. Um índice de profundidade das tecnologias emergentes (inteligência artificial, semicondutores, biotecnologia, quântica e espacial), compilado pela The Economist, aponta os EUA com 425 pontos; na segunda colocação está a China, com 340 pontos. Os EUA exercem liderança em todas as tecnologias emergentes. Isso não significa que não existam gargalos; atualmente, o principal deles é a vulnerabilidade em “terras raras”, grupo relativamente abundante de 17 elementos químicos utilizados em praticamente todas as tecnologias emergentes: desde a produção de semicondutores de alta performance e confecção de eletrônicos até motores de carros elétricos e equipamentos médicos. Quem atualmente produz abundantemente esses recursos é a China, com uma produção esperada de 270 mil toneladas de terras raras em 2025 e com um estoque estimado de 44 milhões de toneladas no país. Isso equivaleria a 162 anos de produção desses materiais. Atualmente, esses elementos químicos estão sendo usados como arma geopolítica pela China.

Voltando ao tema principal, os profundos investimentos em tecnologia estão elevando o crescimento da formação bruta de capital fixo nos EUA. Atualmente, o crescimento do indicador é de 2,4% ao ano, puxado especialmente pelos investimentos em tecnologia. Ainda existem dúvidas quanto aos impactos da tecnologia na macroeconomia. Atualmente, espera-se que a produtividade cresça rapidamente em um cenário de avanços tecnológicos. Entre 1890 e 2024, a produtividade anual dos EUA cresceu 1,6% ao ano.

Outro motor do crescimento do PIB dos EUA, no curto prazo, tem sido a resiliência do consumo privado em meio a um cenário de desaceleração do mercado de trabalho. Segundo informações privadas (levando em conta o shutdown do governo dos EUA), o emprego privado em setembro se expandiu em um ritmo pouco sólido, confirmando a desaceleração vista desde o início de 2025. A criação de empregos nos doze meses até setembro foi de 1,1 milhão, frente a 1,8 milhão no início do ano. Porém, o consumo privado está crescendo 3,1% ao ano, frente à taxa de 2,9% do início de 2025. Esse fato deve-se principalmente ao saudável balanço das famílias americanas. Em conjunção, o PIB americano continua se expandindo em torno do potencial de longo prazo. Continuamos antecipando que haverá um recuo na expansão do PIB nos próximos trimestres.

Por outro lado, os mercados acionários e de dívida corporativa continuam precificando um cenário muito benigno. As avaliações do mercado acionário estão nos maiores patamares desde 2001, e os spreads de crédito, nos menores patamares desde 2007. Na situação tarifária, houve atualizações com a redução das tarifas para bens chineses, com um acordo comercial sendo costurado para, de um lado, os EUA reduzirem as tarifas e, de outro, a China não bloquear as exportações de terras raras. Ainda ocorrem negociações com Brasil e México. As estimativas atuais são de que a taxa média de importação esteja em 18%.

Devido ao choque de tarifas de importação e à elevação nos preços de energia, a variação do índice de preços ao consumidor vem aumentando. Após estar em 2,3% em abril deste ano, a inflação avançou para 3,0% em setembro. Houve uma melhora marginal na inflação de serviços. As expectativas continuam na linha de uma elevação adicional nas taxas anuais nos próximos meses. A inflação implícita de 5 anos dos EUA permanece em torno de 2,4%, acima da meta do Federal Reserve, mas abaixo das expectativas do início de 2025.

Nesta conjuntura de crescimento arrefecendo e inflação subindo, o Federal Reserve continua julgando que o balanço está assimétrico para o risco do crescimento. Com isso em mente, em outubro houve a segunda queda de juros de 2025, para 4,0%. Porém, na comunicação, Jerome Powell afirmou que não há certeza de um novo corte de juros em 2025. Essa argumentação baseia-se na percepção de que o shutdown poderá se estender até lá, deixando o Federal Reserve no escuro em relação aos dados. Nossa avaliação é que haverá possibilidade de queda de juros em 2025 e no início de 2026. O mercado precifica que a taxa de juros do final do ciclo será de 3,75%. Atualmente, o Fed indica que a taxa nominal neutra de juros nos EUA está em torno de 2,8%.

Os mercados de juros reagiram mal ao comunicado: as taxas nominais de 2 anos saltaram 10 pontos após a decisão e atualmente estão em 3,6%. Já a taxa nominal de 10 anos avançou para 4,1% nos últimos dias do mês de outubro. Ainda na decisão, o Federal Reserve afirmou que o aperto quantitativo de liquidez acabou. O formulador de política monetária disse que não mais venderá ativos no mercado. Atualmente, o balanço de ativos do Fed equivale a 22% do PIB dos EUA, frente a 36% no pico da pandemia de Covid-19. A ação do Fed foi uma resposta à piora na liquidez dos mercados monetários dos EUA. Nos últimos dias, a taxa SOFR (derivada dos Fed Funds, equivalente à nossa taxa CDI) estava acima do teto dos Fed Funds, evidenciando uma clara falta de liquidez no mercado interbancário. Ainda não estamos convencidos de que essa medida será suficiente. Por fim, no mês de outubro, o dólar teve uma leve apreciação frente às principais moedas globais.

Economias Europeias

Atravessando o Atlântico Norte, desembarcamos numa Europa em guerra no Leste, polarizada e com múltiplos desafios econômicos. O mais evidente no curto prazo é que os governos não conseguem apontar caminhos para solucionar os problemas fiscais do continente, embora o assunto represente uma séria ameaça à estabilidade financeira do bloco. Entre os desafios de longo prazo está a reversão demográfica do continente. Segundo simulação, a população da União Europeia cairá de 449 milhões de pessoas em 2024 para 419 milhões em 2100, no cenário base. No cenário otimista, com alta imigração, a população ficará estagnada. No cenário pessimista, com imigração zero, a população cairá para 295 milhões. Somado a isso, temos uma produtividade estagnada desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Para comparação, em 1900 a produtividade do Reino Unido era 165% da produtividade dos EUA. Ou seja, para cada US\$ 1 produzido nos EUA, produzia-se US\$ 1,65 no Reino Unido no mesmo período. Atualmente, a produtividade comparada é de 87%. Com população e produtividade estagnadas, é difícil pensar em dinamismo econômico nas próximas décadas na Europa.

Mario Draghi – ex-presidente do European Central Bank – foi incumbido pela Comissão Europeia de preparar um relatório com sua visão pessoal sobre o futuro da competitividade europeia. O relatório aborda diversos pontos, mas pouca coisa mudou um ano após sua apresentação. Aliado ao baixo crescimento prospectivo, temos um cenário fiscal cada vez mais complexo, em que as grandes economias têm dificuldade de aprovar reformas no complexo sistema de proteção social europeu. Nesse sentido, a dívida pública das economias permanece crescendo e, se o crescimento do produto não acompanhar o ritmo, cada vez mais a dívida pública recairá sobre as próximas gerações. Das grandes economias, apenas Alemanha e Países Baixos estão com baixa relação dívida/PIB.

CARTA MACROECONÔMICA

No curto prazo, espera-se que as economias europeias se expandam num ritmo aquém do esperado, com as principais crescendo abaixo ou em torno de 1%. Assim como no cenário dos EUA, os mercados acionários e de dívida corporativa continuam precificando um cenário benigno. As avaliações do mercado acionário estão nos maiores patamares desde 2021, e os spreads de crédito, nos menores patamares desde 2007. No âmbito da inflação, na Zona do Euro a inflação agregada permanece em torno de 2,2%, enquanto no Reino Unido está subindo para 4,1%. Os mercados esperam que o European Central Bank tenha chegado ao final do ciclo de queda de juros no patamar de 2,0%, permanecendo nesse nível até meados de 2028. Já o Bank of England poderá cortar uma última vez na próxima reunião e encerrar o ciclo de queda de juros em 3,75%. As moedas dos mercados europeus sofreram leve depreciação no último mês.

Economias Asiáticas

Após as eleições para a câmara alta do Japão colocarem pressão sobre a coalizão de centro-direita liderada pelo primeiro-ministro, recentemente, Sanae Takaichi venceu o segundo turno por uma margem de 54% a 46%, tornando-se a líder confirmada do PLD e, portanto, primeira-ministra do Japão. Takaichi é inclinada ao populismo fiscal e monetário. Porém, os temores do mercado sobre suas propostas foram reduzidos. Nos discursos da atual chefe de governo, ela pregou responsabilidade. As avaliações do mercado acionário japonês chegaram próximas de tocar as máximas desde 2008. Enquanto isso, no mercado de juros, os preços indicam que o Bank of England poderá voltar a aumentar juros em março de 2026. Atualmente, a taxa nominal está em 0,5%, podendo chegar a 1,5% em 2027. No mercado de câmbio, a moeda japonesa continuou se depreciando frente ao dólar.

Economias Emergentes

Os mercados emergentes respiram aliviados após uma cúpula entre Donald Trump e Xi Jinping mostrar disposição, ainda que pequena, de tentar chegar a um denominador comum. De um lado, os EUA irão reduzir as tarifas contra bens chineses e, de outro, a China não bloqueará as exportações de terras raras por, pelo menos, um ano. Afastando cenários pessimistas do início de 2025, a performance macroeconômica das economias emergentes será satisfatória. Não haverá recessão nas principais economias, enquanto os problemas inflacionários serão concentrados em Turquia, Argentina e Egito. As demais terão inflação abaixo de 10%, com média em torno de 5%.

A Argentina ganhou destaque nas últimas semanas devido ao envolvimento do governo dos EUA em swaps cambiais no banco central argentino e às eleições regionais que testaram a popularidade de Javier Milei. Em ambas as frentes, Milei saiu vitorioso. Enquanto o Federal Reserve fez uma linha de US\$ 20 bilhões com a Argentina, as eleições mostraram que a população chancelou a condução da política econômica de Milei, dando a ele 36% dos assentos na Câmara dos Deputados, ante 14%. Já o peronismo recuou marginalmente de 39% para 37%. O câmbio e o Credit Default Swap reagiram positivamente. O risco caiu para as mínimas desde agosto deste ano, antes de Milei sofrer derrotas nas eleições regionais em Buenos Aires.

Economia Brasileira

A reaproximação de Brasil e Estados Unidos pode ser benéfica para o crescimento esperado do PIB no curto prazo, visto que observamos algumas evidências de que a demanda interna está arrefecendo. Apesar de existirem incertezas quanto à concretização de algum acordo, a situação é melhor do que o afastamento total observado desde a volta de Trump à Casa Branca.

Os dados do mercado de trabalho apontam para um arrefecimento da criação de empregos, seja via pesquisa do Caged (Ministério do Trabalho, apenas empregos formais) ou da Pnad-C (Instituto Nacional de Geografia e Estatística, empregos formais e informais). Pela Pnad-C, no dado ajustado sazonalmente, a criação de empregos em 12 meses está em 1,4 milhão, frente ao crescimento de 2,3 milhões no fechamento de 2024. Por outro lado, a taxa de desemprego permanece estagnada em torno de 5,7% desde o início do segundo trimestre. Porém, o que “ajudou” o desemprego a ficar parado foi a queda da taxa de participação desde o início do segundo trimestre, atualmente em 62,2%. Ou seja, menos pessoas estão voltando ao mercado em busca de uma nova colocação.

Continua chamando nossa atenção o fato de que o ciclo de endividamento das famílias voltou a subir nos últimos meses, após leve moderação no início de 2025. Atualmente, o saldo de crédito ampliado das famílias está em 36,7% do PIB, maior patamar da série histórica. Com isso, a taxa de juros das modalidades para pessoa física continua subindo e está atualmente em torno de 58% ao ano; consequentemente, a inadimplência disparou, passando de 3,5% no final de 2024 para 4,8% em setembro de 2025.

No cenário de crédito corporativo, a dívida interna das empresas permanece crescendo marginalmente, para o patamar de 37,9% do PIB. A fonte desse financiamento permanece se alterando, do mercado bancário para o mercado de capitais. Já os spreads corporativos mostram sinais dicotômicos: enquanto spreads triple-A apresentam recuo, spreads com ratings mais baixos estão estáveis, com leve tendência de elevação. No mercado acionário, apesar de os índices terem avançado nos últimos meses, os valuations permanecem em torno da média de 2022 a 2025, ainda abaixo das médias de longo prazo.

Por fim, o PIB brasileiro está crescendo 3,2% em 12 meses. Nossas expectativas são de que o crescimento começará a abrandar no segundo semestre de 2025 e ao longo de 2026. Atualmente, o Banco Central do Brasil projeta um crescimento de 1,8% para 2025 e 1,5% para 2026. Se confirmado, serão dois anos de crescimento abaixo do potencial de longo prazo.

No âmbito da inflação ao consumidor, o IPCA-15 de outubro foi de 0,18% e ficou abaixo das expectativas. Com isso, a variação anual do índice foi de 4,9%, recuo frente à variação de 5,5% em abril deste ano. Houve a quinta deflação consecutiva na categoria de alimentos no mês (-0,10%), enquanto a variação anual foi de 5,47%. A conjuntura favorável dos preços pode ser explicada pelo choque de oferta do início do ano e pela apreciação do real no período. Na categoria de preços monitorados, houve inflação de 0,24% no mês e 4,70% em 12 meses. Na categoria de bens industriais, os preços tiveram deflação de 0,02% no mês e aumentaram 3,13% em 12 meses. A conjuntura positiva desses preços é explicada pela apreciação do real e pelo arrefecimento do mercado de crédito às famílias. Por fim, os preços de serviços variaram 0,37%, marcando inflação de 6,02% em 12 meses. Ainda existe pressão sobre esses preços, especialmente devido à resiliência do mercado de trabalho, em termos de geração de emprego e renda média. A Anbima projeta uma inflação de 0,15% para o ciclo de 15-out a 15-nov, enquanto a expectativa para o ciclo de 15-nov a 15-dez é de 0,24%. Esperamos uma inflação de 4,71% em 2025 e 4,07% em 2026. A inflação implícita da curva de juros domésticos recuou consistentemente nos últimos meses. As inflações implícitas de 2, 5 e 10 anos estão atualmente em 4,3%, 5,2% e 5,7%, respectivamente. Apesar de permanecerem acima da meta de inflação, é uma reversão considerável frente ao fechamento de 2024.

CARTA MACROECONÔMICA

No âmbito monetário, o Banco Central do Brasil (BCB) continua mantendo a taxa de juros em 15,0%. A comunicação dos diretores do formulador de política monetária ainda vai na direção de conservadorismo na possível queda de juros à frente. Por conta da situação de juros nos EUA, o mercado, após muito tempo, reverteu a perspectiva de queda de juros para janeiro de 2026. Atualmente, o mercado projeta uma queda de 25 pontos em março e uma queda contínua até o patamar de 13,25% no final de 2026 e de 12,25% no final de 2027. Nossa avaliação é que o BCB terá capacidade de cortar juros já no início de 2026 e ainda acreditamos que a queda será marginalmente maior do que o mercado precifica atualmente, ainda que existam incertezas no âmbito fiscal e político para 2026.

Nos mercados de juros nominais, as taxas recuaram marginalmente ao longo do mês. As taxas nominais de juros de 2, 5 e 10 anos estão atualmente em 13,2%, 13,5% e 13,8%, respectivamente. Já os juros reais de mesmos vencimentos estão em 8,5%, 7,9% e 7,5%, respectivamente. Por fim, o real teve leve depreciação frente ao dólar no mês.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 FIF RF LP RL

Em outubro de 2025, o fundo 4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL apresentou um retorno nominal de 1,00%. O seu benchmark, o IMA-B 5, ficou em 1,03%. No acumulado de 2025, o fundo obtém retorno de 9,70%, enquanto seu benchmark valoriza 9,42%. O resultado anual do fundo equivale à IPCA + 5,55% (ou IPCA + 6,69% anualizado). A volatilidade no ano do fundo foi de 2,10%

As estatísticas da carteira do fundo e do benchmark no final de outubro de 2025 eram as seguintes: a taxa real de carregamento acima da inflação era de 8,67% para o fundo e de 8,71% para o benchmark, ambos anualizados. Em relação à duration, o fundo tinha uma estatística de 2,64 anos, enquanto o benchmark tinha uma duration de 2,29 anos.

No mês houve mudanças no portfólio. Aumentamos a alocação no vencimento de 2026 e 2028, com o intuito de elevar a duration do portfólio. Assim, a carteira do fundo estava da seguinte forma no fechamento de outubro: 15,66% em 2026, 40,51% em 2028, 6,21% em 2029, 31,26% em 2030 e 6,36% em caixa.

No âmbito do cenário da inflação, no mês de outubro, o IPCA-15 variou 0,18% e alcançou o patamar de 4,94% em 12 meses.

Houve a quinta deflação consecutiva na categoria de alimentos no mês (-0,10%), enquanto a variação anual foi de 5,47%. A conjuntura favorável dos preços pode ser explicada pelo choque de oferta do início do ano e pela apreciação do real no ano. Na categoria de preços monitorados houve inflação de 0,24% no mês e marcou 4,70% em 12 meses.

Na categoria de bens industriais, os preços tiveram uma deflação de 0,02% no mês e aumentam 3,13% em 12 meses. A conjuntura positiva destes preços é explicada pela apreciação do real e do arrefecimento do mercado de crédito às famílias.

Por fim, os preços de serviços variaram 0,37%, marcando inflação de 6,02% em 12 meses. Ainda existe uma pressão sobre esses preços devido especialmente à resiliência do mercado de trabalho, em termos de geração de emprego e renda média.

A Anbima projeta uma inflação de 0,15% para o ciclo de 15-out à 15-nov, enquanto a expectativa para o ciclo de 15-nov à 15-dez é uma inflação de 0,24%. Esperamos uma inflação de 4,71% em 2025 e 4,07% em 2026.

O mês de outubro foi marcado por sinais positivos para as curvas de juros domésticas.

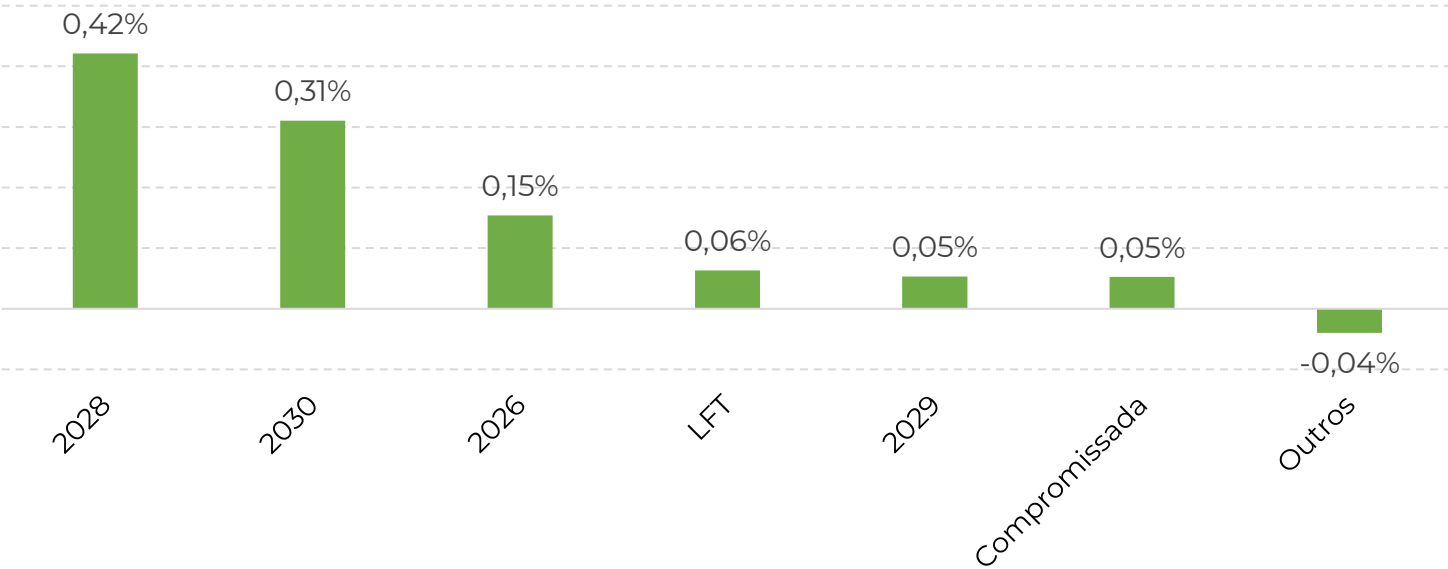
As taxas nominais curtas e intermediárias (6 meses a 5 anos) tiveram um recuo relevante enquanto as taxas longas (7 a 10 anos) subiram. As taxas reais tiveram comportamento de redução, em especial os vencimentos curtos (2 e 3 anos).

O comportamento inferior ao benchmark no mês é explicado especialmente devido (i) a redução mais intensa das taxas da NTN-B 2026 e 2027, comparativamente às mais longas.

Prospectivamente, os principais temas para os mercados de juros serão: (i) pesquisas de opinião sobre o ciclo eleitoral em 2026, (ii) intensidade da queda de juros nos Estados Unidos, (iii) comportamento da inflação doméstica e (iv) discrepância de desempenho entre o mercado de crédito e o mercado de trabalho brasileiro.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM INFLAÇÃO IMA-B 5 FIF RF LP RL



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	1,00%	9,70%	8,96%	18,05%	28,35%	64,70%
IMA-B 5	1,03%	9,42%	9,51%	19,99%	31,04%	79,95%

PI médio (12 meses): R\$ 38.279.533,35

Início do fundo: 13/02/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+1 útil	489905
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance
0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE **RENTA FIXA**

4UM FIF RF CRÉDITO PRIVADO LP RL

No mês de outubro de 2025, o 4UM FIF RF Crédito Privado LP RL apresentou rentabilidade de 1,28%, equivalente a 100,17% do CDI. Em relação às classes de ativos, a parcela de Crédito Privado terminou o mês com uma alocação de 57,3% do PL do fundo, estando distribuída entre Debêntures (26,8%) e ativos de Instituições Financeiras (30,5%). A parcela de caixa encerrou o mês com 32,2% do PL. Por último, a parcela de Operações de Termo foi responsável pelos restantes 10,5% da alocação. O spread da carteira de crédito encerrou o mês com carregamento médio ponderado de CDI+ 0,70%, estável em relação ao mês anterior.

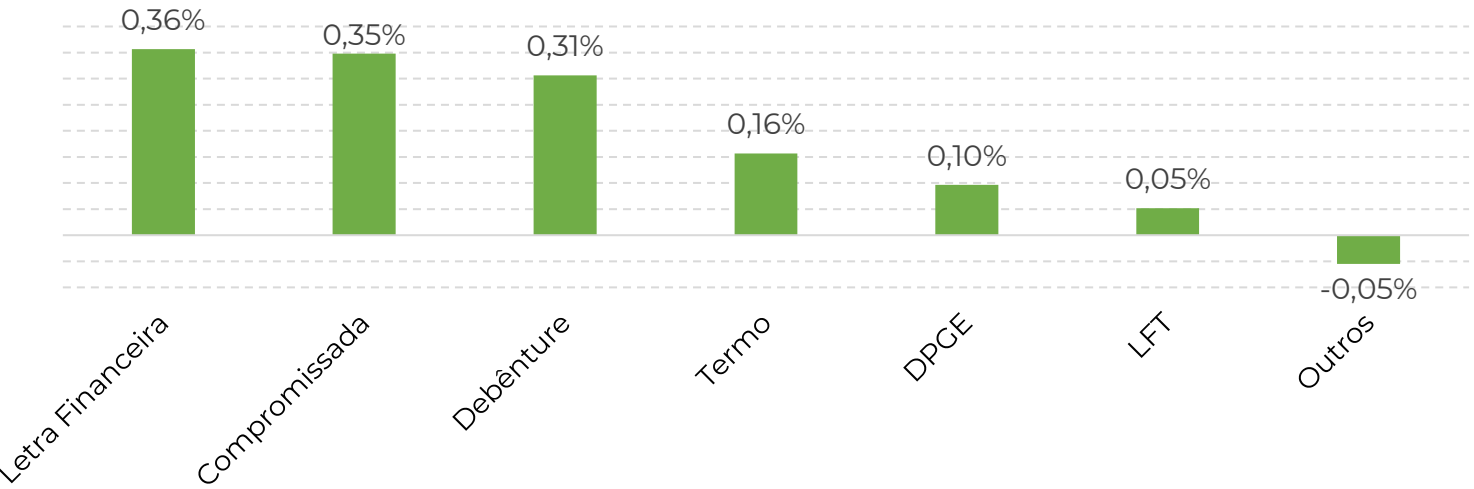
No mês, o número de novas operações a termo foi de 131, com financeiro médio próximo a R\$ 265 mil e prazo médio de 85 dias. Ao todo, foram liquidadas 106 operações, sendo que 26% destas foram de maneira antecipada. O resultado das operações liquidadas foi de 169% do CDI.

Após os spreads do crédito privado em DI+ experimentarem níveis ainda mais baixos do que os vivenciados em 2024, a desconfiança sobre a manutenção desses níveis aumenta e o mercado realiza ajustes. No espaço curto do mês, os spreads das debêntures DI+ abriram em média 9bps. O movimento observado no secundário, até então, não pode ser descrito como um forte fluxo de vendas motivado por necessidade dos fundos em realizar caixa; o que seria uma advertência para um possível estresse. No entanto, está clara a predileção da venda de ativos com vencimento mais longos, enquanto ativos de duration curta seguem sendo demandados, o que caracteriza o movimento como uma correção, denotando uma cobrança mais criteriosa de prêmio pelos gestores em função da duration dos ativos.

Ainda que não se descreva um estresse, essa abertura dos spreads machuca o resultado dos fundos de crédito privado. Nesse cenário, o portfólio 4UM FIF RF Crédito Privado LP RL manteve a entrega do resultado acima do custo de oportunidade, não ficando abaixo do 100% CDI.

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE RENDA FIXA

4UM FIF RF CRÉDITO PRIVADO LP RL



	Mês	Ano	12 Meses	24 Meses	36 Meses	Início
Retorno	1,28%	12,49%	14,38%	28,68%	47,23%	84,34%
% CDI	100,17%	106,19%	105,03%	109,57%	109,59%	109,86%

PI médio (12 meses): R\$ 272.352.308,34

Início do fundo: 14/03/2019

Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
15h00	D+20 úteis	491322
Administrador	Gestor	Custodiante
BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

Taxa de Administração/Performance
0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

RENTA FIJA

	Aplicação Inicial	Movimentação Mínima	Saldo Mínimo
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	R\$ 500,00	R\$ 100,00	R\$ 500,00
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	R\$500,00	R\$100,00	R\$500,00

	Horário Limite (movimentações)	Liquidez	Código ANBIMA
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	14h30	D+1 útil	489905
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	14h30	D+20 úteis	491322

	Administrador	Gestor	Custodiante
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	BEM DTVM	4UM GR	Bradesco

	Taxa de Administração/Performance
4UM Inflação IMA-B 5 FIF RF LP RL	0,40% a.a. / 10% sobre o que exceder o IMA-B 5
4UM FIF RF Crédito Privado LP RL	0,00% a.a. / 20% sobre o que exceder 104% do CDI

DTVM

4UM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.
CNPJ: 76.621.457/0001-85
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

GESTÃO

4UM Gestão de Recursos Ltda.
CNPJ: 03.983.856/0001-12
Rua Visconde do Rio Branco, 1488, 4º andar
Curitiba – Paraná
CEP: 80420-210
Telefone: (41) 3351-9966
atendimento@4um.com.br
www.4um.com.br

Ouvidoria: 0800 645 6094

Este é um material de divulgação com fins informativos e não deve servir como única base para tomada de decisões de investimento, nem deve ser considerada uma oferta para aquisição de cotas. Leia a lâmina de informações essenciais, o regulamento e o material técnico denominado como "Informativo Mensal" antes de investir, os quais podem ser obtidos no site do administrador/gestor, 4UM Investimentos, bem como os selos ANBIMA em www.4um.com.br. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito. Principais fatores de risco: Risco de Crédito, caracterizado pela possibilidade de que os emissores de títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO ou as contrapartes do FUNDO nas operações realizadas com seus títulos e valores mobiliários não cumpram suas obrigações; Risco de Mercado, caracterizado pela possibilidade de variação do preço ou rendimento dos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO, em função de alterações nos fatores de mercado que os determinam; Risco de Liquidez, caracterizado pela possibilidade de haver pouca ou nenhuma demanda pelos títulos e valores mobiliários integrantes da carteira do FUNDO nos mercados em que são negociados, devido a condições específicas desses títulos e valores mobiliários ou dos mercados em que são negociados. Supervisão e Fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários – CVM. Serviço de Atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br.

Signatory of:



4um.com.br



4um-investimentos